



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO – UFMA, CAMPUS VII  
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS HUMANAS/HISTÓRIA**

**O SERTÃO NO OLHAR DE CAPISTRANO DE ABREU**

**BRUNA SANTOS DAMACENO**

Codó – MA  
2021

**BRUNA SANTOS DAMACENO**

**O SERTÃO NO OLHAR DE CAPISTRANO DE ABREU**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Ciências Humanas/História da Universidade Federal do Maranhão, Campus Codó, como requisito para a obtenção do título de Licenciatura em Ciências Humanas/História.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Alexandre Isidio Cardoso

Codó – MA

2021

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).  
Núcleo Integrado de Bibliotecas/UFMA

Santos Damaceno, Bruna.

Sertão no olhar de Capistrano de Abreu / Bruna Santos  
Damaceno. - 2021.

42 p.

Orientador(a): Antonio Alexandre Isidio Cardoso.

Monografia (Graduação) - Curso de Ciências Humanas -  
História, Universidade Federal do Maranhão, CODO-MA, 2021.

1. Sertão. 2. Capistrano 3. Representação. 4.  
Historiografia. I. Isidio Cardoso, Antonio Alexandre.  
II. Título.

BRUNA SANTOS DAMACENO

**O SERTÃO NO OLHAR DE CAPISTRANO DE ABREU**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Ciências Humanas-História da Universidade Federal do Maranhão, Campus de Codó, como requisito para a obtenção do título de Licenciatura em Ciências Humanas/História.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Alexandre Isidio Cardoso.

COMISSÃO EXAMINADORA:

---

Prof. Dr. Antonio Alexandre Isidio Cardoso  
UFMA  
(Presidente)

---

Prof. Dr. José Carlos Aragão Silva  
UFMA

---

Prof. Dr. Jakson dos Santos Ribeiro  
UEMA

Codó-MA, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

Dedico este trabalho a Deus por ter me proporcionado o dom da vida e por todas as bênçãos e livramentos.

Dedico a meu amado pai (Sebastião Damaceno) por ter sido um grande amigo e companheiro, por todo o seu amor, dedicação e por acreditar que seria capaz de chegar até aqui. (In Memoriam)

Dedico aos meus avós (Regina Rêgo Santos e Antônio Trindade Santos) por terem sido meus exemplos de força, de ética e por ter ajudado meus pais na minha educação. (In Memoriam).

## AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Maria do Socorro Rêgo Santos, por todo amor e dedicação, por ser meu alicerce nos momentos difíceis da minha vida, por ter sido essa mãe exemplar que mesmo com todas as limitações não foi motivo para ser ausente em qualquer momento da minha vida, por ser essa mãe maravilhosa que mesmo nunca ter pisado em uma escola pra estudar foi uma mãe sempre presente na minha vida escolar, me mostrou a importância dos estudos na vida de uma pessoa, és a pessoa mais sábia que já conheci, serei eternamente grata a Deus por ter me dado o privilégio de ser sua filha.

Aos meus filhos, Isabela Regina e José Pedro, por serem a razão de acordar todos os dias e ir à luta, vocês são o motivo de todas as minhas batalhas e vitórias.

A todos os professores que tive o privilégio de ter compartilhado momentos tão importantes na minha vida acadêmica, momentos estes que pude enriquecer meu conhecimento tornando-me uma pessoa mais crítica e reflexiva.

Ao meu orientador Prof. Dr. Antonio Alexandre Isidio Cardoso, por ter me orientado, por ter me mostrado que eu era capaz, mesmo que por muitas vezes achei que não, sempre vinha com uma palavra que me deixava mais calma, sei que sem ele não teria conseguido, agradeço também pela paciência que teve comigo.

A todos os colegas da turma de 2012, onde iniciamos juntos um sonho em comum, passamos por muitos perrengues nessa jornada acadêmica, mas aos poucos todos nós estamos alcançando esta conquista.

Às minhas amigas Ayrla Musane, Thais Fernanda e Valéria Queiroz, costumo dizer que foram os presentes que a UFMA me deu, obrigada por compartilhar tantos momentos, foram cada apertos nos trabalhos, mas sempre uma segurando a mão da outra, agradeço a vocês, pois no momento mais difícil da minha vida, perda do meu pai, onde pensei em desistir do curso, chegando a trancar, vocês não soltaram a minha mão, compreenderam o momento que estava passando, estiveram ao meu lado, mas sempre me incentivando a voltar, serei eternamente grata pela amizade de vocês.

À minha prima, comadre e amiga Claudia Trindade por ser essa pessoa tão especial na minha vida, que mesmo estando distante, me ajudou a superar tantos momentos difíceis, sempre dizendo que eu era capaz, me fazendo acreditar em mim mesma e na minha força, se hoje sou essa mulher forte, que luta por dias melhores e graças também a ela.

À minha amiga Sayure Muniz, por todo apoio, por estar sempre presente em nossas vidas, és uma grande amiga.

À minha prima Virgínia Trindade Neta, pelo carinho e cuidado para comigo.

A todos os profissionais da Instituição, setor administrativo, coordenação do curso, os bibliotecários, aos auxiliares de serviços gerais e seguranças, pois todos contribuíram de forma significativa para minha formação.

*Cada ser humano tem seu momento de descoberta, principalmente quando se expande o conhecimento, assim, para Pedro Alves Cabral, o Brasil foi descoberto, porque foi o seu primeiro momento de uma bela vista.*

Francileide Araújo



## RESUMO

Neste trabalho acadêmico serão discutidos aspectos da obra de Capistrano de Abreu com foco em representações do sertão erigidas pelo autor. A investigação de caráter bibliográfico enfoca numa abordagem qualitativa descritiva, com o objetivo geral de analisar a obra Capítulos de História Colonial (1907), assim como alguns desdobramentos de suas reflexões em diálogo com a historiografia e a literatura de época. A visão do autor descreveu, além das peculiaridades naturais das paisagens sertanejas, a população que o habitava no período colonial. Capistrano não descreveu um sertão atrelado à uma região específica, posto que o autor organizou sua argumentação baseado no exame dos processos de interiorização da colonização lusitana, que se espraiaram por extensos e multifacetados territórios. Este trabalho servirá para que os leitores e/ou as leitoras possam conhecer e explorar algumas das representações do sertão em sintonia com a História, de modo a contribuir com o entendimento da polissemia do conceito.

Palavras-Chaves: Sertão. Capistrano. Representação. Historiografia.

## ABSTRACT

In this academic work, aspects of Capistrano de Abreu's work will be discussed, focusing on representations of the *sertão* (Brazilian hinterland) erected by the author. The bibliographic investigation focuses on a qualitative descriptive approach, with the general objective of analyzing the book *Capítulos de História Colonial* (1907), as well as some issues in dialogue with the historiography and period literature. The author's view describes, in addition to the natural peculiarities of the countryside, the population that inhabited it in the colonial period. Capistrano does not describe a *sertão* linked to a specific region. The author organizes his arguments based on an examination of the interiorization processes of Lusitanian colonization in South America, which spread across extensive and multifaceted territories. This work will help readers and researchers to know and explore some of the representations of the *sertão* in tune with history, in order to contribute to the understanding of the concept's polysemy.

**Key words:** Sertão. Capistrano. Representations. Historiography.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>1. O SERTÃO COMO CONCEITO HISTÓRICO .....</b>	<b>14</b>
1.1 Análise etimológica da palavra sertão .....	14
1.2 A História Geral do Brasil e a construção do sentimento de nacionalidade .....	17
<b>2. A TRAJETÓRIA DE VIDA DE CAPISTRANO DE ABREU .....</b>	<b>20</b>
2.1 Capistrano de Abreu e sua trajetória .....	20
2.2 Capistrano de Abreu e o diálogo com a Geografia.....	25
<b>3. O SERTÃO NO OLHAR DE CAPISTRANO DE ABREU .....</b>	<b>29</b>
3.1 O sertão e a escrita da História do Brasil .....	29
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>37</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>38</b>

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem o objetivo de analisar aspectos do conceito de sertão na visão de Capistrano de Abreu. O historiador em sua obra *Capítulos de História Colonial* (1907) desenvolveu reflexões sobre o sertão descrevendo um cenário social e natural bastante diverso, narrado como resultado de sua investigação da interiorização da colonização lusitana.

A pesquisa sobre os escritos do autor foi orientada por uma abordagem qualitativa descritiva. O trabalho que segue foi dividido em três capítulos, nos quais buscamos nos aprofundar no conceito de sertão, delineando um estudo sobre a trajetória histórica da palavra sertão até esta ser incluída em escritos da historiografia brasileira. Desta feita, enfocaremos na obra de Capistrano de Abreu, uma fonte bibliográfica de estudos sobre a temática que serviu de base para o presente trabalho

No primeiro capítulo, nomeado **O Sertão como conceito histórico**, estudamos a etimologia da palavra, auscultando suas possíveis origens, até chegar à ortografia e ao conceito que atravessou a leitura de Capistrano. Buscamos investigar as injunções do conceito na historiografia brasileira, questionando como o conceito se imbricou nas páginas de uma História Oficial do Brasil, cujo grande expoente no século XIX foi Francisco Adolfo Varnhagen. Através dos estudos da obra do referido autor, observamos uma História da Nação centrada no litoral brasileiro, colocando os europeus como atores principais do processo de colonização do Brasil, posicionando o “sertão” e suas populações nas margens desses estudos historiográficos.

No segundo capítulo, intitulado **A trajetória de vida de Capistrano de Abreu**, buscaremos a compreensão sobre o contexto histórico de seus percursos de vida, escritos e trabalhos. Intentamos fazer uma linha do tempo de sua trajetória desde a infância no sítio Columinjuba, no interior do Ceará, até sua vida adulta, quando passou num concurso para professor do afamado Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro. Analisamos sua trajetória intelectual que se iniciou desde muito garoto, sempre fascinado com a leitura. Capistrano aprendeu idiomas estrangeiros muito cedo, especialmente após ser mandado para estudar em Fortaleza. Contudo, foi somente a partir de sua ida definitiva ao Rio de Janeiro que sua carreira tomou projeção, pois lá conseguiu uma colocação na Biblioteca Nacional, local onde teve maior acesso aos documentos históricos para seus estudos sobre a colonização do Brasil, o que tornou possível a escrita de várias obras, como *Capítulos de História Colonial*, livro que utilizamos como fonte principal deste trabalho.

No terceiro capítulo, designado **O sertão no olhar de Capistrano de Abreu**, trataremos dos registros sobre o sertão diretamente através dos escritos do historiador cearense, observando o desenvolvimento de suas ideias. Abreu (1907 p.108) enfatizou bastante as “bandeiras partidas de homens empregados em prender e escravizar o gentio indígena”, incluindo as populações nativas em sua escrita, observando os tensos encontros e desencontros com sertanistas. Esta parte da monografia está centrada no conteúdo do livro Capítulos de História Colonial (1907), observando os delineamentos da articulação da ideia de sertão nos tempos da interiorização lusitana na América do Sul.

# CAPÍTULO I

## O SERTÃO COMO CONCEITO HISTÓRICO

### 1.1 Análise etimológica da palavra Sertão

A discussão em torno da origem da palavra sertão vem sendo feita há bastante tempo e até hoje permeia entre os intelectuais como objeto de estudo. Por ser uma palavra polissêmica e ter um grande valor no processo de colonização do Brasil, o vocábulo ao longo do tempo foi se moldando no imaginário popular. De origem ainda incerta, vários estudiosos buscaram encontrar a raiz etimológica do termo tão comumente utilizado para se referir ao interior do Brasil, área que faz oposição ao território costeiro, mas especificamente nas atuais regiões norte e nordeste.

Amado (1995) afirma que a expressão está presente na historiografia brasileira desde o século XVI, quando os viajantes e cronistas relatavam sobre suas viagens ao país, posteriormente o termo aparece em uma das grandes obras do século XVII de Frei Vicente de Salvador, História do Brasil, concluída em 1627, mas só publicada dois séculos depois em 1888, após o manuscrito ser encontrado em 1881 pelo Historiador Capistrano de Abreu na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

Albertina Vicentini, percorre num vasto estudo em busca pelo étimo da palavra sertão, discorre através de um diálogo com Gilberto Mendonça Teles sobre o referido termo, chegando as seguintes conclusões:

A etimologia da palavra sertão pode nos dar a primeira pista para entender sua história de colonização. É ainda Gilberto M. Telles quem nos diz: Desertum, supino de sedere, significa “o que sai da fileira”, e passou à linguagem militar para indicar o que deserta, o que sai da ordem, o que desaparece. Daí o substantivo desertanum para indicar o lugar desconhecido onde ia o desertor, facilitando a oposição lugar certo e lugar incerto, desconhecido e, figuradamente impenetrável. Observa ainda o crítico que o adjetivo certum através da expressão domicilium certum e da forma que tomou em português arcaico, certão, pode haver contagiado a significação (não a forma) de desertanum como “lugar incerto”, sertão, vocábulo que aponta sempre para um sítio oposto e distante de quem está falando. Deve ter-se formado também no século XV, na época da supremacia portuguesa nos mares, quando as naus portuguesas começavam a chegar às costas da África, cujo interior, visto do navio (ou litoral), era tido como sertão, assim como foi todo o continente africano visto por Portugal. Foi com esse sentido que a palavra chegou ao Brasil, em 1500, na carta de Pero Vaz de Caminha, que dizia: “de pomta a pomta he toda a praya parma mujto chaã e mujto fremosa. Pelo sertoão nos pareceu do mar mujto grande.” (VICENTINI, 1998, p. 5).

A palavra nos documentos mais antigos, onde a escrita ainda era com a letra c (certão) causou em Gustavo Barroso, membro da Academia Brasileira de Letras, dúvidas em relação a sua verdadeira origem, a mesma que fez com que seu amigo Pedro Calmon solicitasse a Academia Brasileira de Letras o estudo da origem etimológica da palavra sertão. O mesmo não foi atendido pelos colegas, que provavelmente não deram grande importância a questão, visto que o termo era comumente utilizado para referir-se a regiões semipovoadas ou despovoadas que fizessem oposição ao litoral.

Barroso assumiu essa tarefa e se dispôs a encontrar explicações sobre a origem do termo. Embrenhou nos dicionários mais antigos, onde seu vocábulo era com a letra c, depois de um vasto tempo de estudos, mergulhado em grandes volumes, e segundo ele “com paciência Beneditina”, conseguiu encontrar no dicionário da Língua Bunda de Angola de Frei Bernardo de Carnecatim, na edição da imprensa Régia de Lisboa, datada no ano de 1501 sua raiz etimológica, conforme segue abaixo:

(...) cuja grafia certa deve ser com a letra c como foi no início e como ainda mantém esse livro impresso em 1804. Na letra M, lá estava em todas as letras o vocábulo Muceltão, seguido da forma decepada certão, com seu significado expresso admiravelmente em latim: *Locus mediterraneus*. O termo mulceltão é corruptela do puro angolano bunda ou simplesmente e classicamente bunda michitu ou muchitu, através de michitum penso eu, por nasalização dieletal. Esse termo significava mato e era empregado pela gente do interior. Tornou-se, pois designativo de mato longe da costa... (BARROSO, 1947, p. 402-403)

A chegada dos portugueses em solo africano possibilitou aos mesmos socializações e com isso aderiu alguns termos da língua nativa como é o caso de muchitu ou muchitun e com o tempo foi tomando formas aportuguesadas - mulceltão, que posteriormente pela mesma influência lusa passou para celtão e certão. Na África o termo Mulceltão era empregado para indicar o interior da mata africana e não somente o deserto como seria o significado de deserto, colocando aos portugueses novos significados para a referida palavra.

Como se vê, os vocábulos não vêm com um significado pronto e acabado, eles dependem muito do contexto no qual foram inseridos, isso se deve ao valor polissêmico que cada palavra traz com ela, ao passo que a palavra e sua significação linguística poderão ter novas possibilidades de uso.

O sentido da palavra é totalmente determinado por seu contexto. De fato, há tantas significações possíveis quantos contextos possíveis. No entanto, nem por isso a palavra deixa de ser una. Ela se desagrega em tantas palavras quantos forem os contextos nos quais ela pode se inserir (BAKHITIN, 2009, p. 109-110).

Podemos perceber que houve várias variantes na referida palavra até chegar naquela que hoje conhecemos: sertão. O conhecimento, a adoção do termo e as adaptações linguísticas só foram possíveis devido ao intercâmbio entre a cultura portuguesa e africana, que através de suas relações sociais e mais precisamente a comunicação tiveram acesso a língua um do outro.

Hoje é possível perceber que o valor polissêmico da palavra sertão é muito importante, pois ela caminha por muitas áreas de conhecimento específico, na Geografia, na História, na Literatura, na Antropologia ou mesmo no senso comum, designando diferentes possibilidades de interpretação. Contudo, a plasticidade de seus sentidos não a faz uma palavra a ser evitada, ao contrário, a riqueza expressiva traz muito de positivo, é um conceito que se reinventa na ciência, nas artes e também nos usos populares do vocábulo.

Atualmente, no dicionário Michaelis (2020)<sup>1</sup> apresenta quatro significados para esta palavra, a saber:

1 Região do interior, com povoação escassa e longe dos núcleos urbanos, onde a pecuária se sobrepõe às atividades agrícolas. 2 Região de vegetação esparsa e solo arenoso e salitroso, sujeito a secas periódicas. 3 Terreno coberto de mato, afastado da costa. 4 O interior do país.

O primeiro sentido citado pelo dicionário se refere a uma visão fundamentada historicamente, ou seja, os sertões eram territórios onde os colonos tratavam de praticar a pecuária, áreas raramente usadas para a agricultura comercial, da monocultura exportadora.

A segunda definição se refere a uma descrição geográfica, ou seja, a definição do sertão como sendo um território de solo pobre em decorrência de sua composição arenosa e da sua pobreza de nutrientes. Classificando-o como impróprio para o cultivo agrícola de alto rendimento.

As definições 3 e 4 que o dicionário apresenta dão conta do sertão como sendo as terras afastadas da costa, situadas distante do litoral. Ao que parece o dicionário elabora definição fundamentada essencialmente em perspectiva históricas, dando vazão para camadas de sentido assentadas sobre o conceito ao longo do tempo. Segundo Lúcia Lippi Oliveira,

---

<sup>1</sup> Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php>>. acesso em 15-06-2020.



durante o período de colonização do Brasil o sertão teve diferentes significações, dando a ideia de que não existia somente um sertão, mas diversos sertões.

O sertão, para o habitante da cidade, aparece como espaço desconhecido, habitado por índios, feras e seres indomáveis. Para o bandeirante, era interior perigoso, mas fonte de riquezas. Para os governantes lusos das capitanias, era exílio temporário. Para os expulsos da sociedade colonial significava liberdade e esperança de uma vida melhor. Como nos diz Janaína Amado (1995a), "desde o início da História do Brasil, portanto, sertão configurou uma perspectiva dual, contendo, em seu interior, uma virtualidade: a da inversão. Inferno ou paraíso, tudo dependeria do lugar de quem falava". (OLIVEIRA, 1998, p.197).

Por muitos anos o sertão esteve à margem da história do Brasil, tematizado grandemente pelas travessias “heroicas” de bandeirantes e outros exploradores, colocando ênfase no processo de colonização e a grande importância que o governo luso teve para a formação do país, somente pensado como nação no século XIX.

## **1.2 A História Geral do Brasil e a construção do sentimento de nacionalidade**

Em 7 de setembro de 1822 foi proclamada a Independência do Brasil, o território deixou a posição de colônia portuguesa e passou a existir entre os jovens países independentes da América do Sul. Anos antes, com a vinda da família real em 1808, houve benefícios para as nascentes elites brasileiras, que almejavam a abertura dos portos, antes monopolizados por Portugal.

Como se sabe, após a Independência do Brasil o poder caiu nas mãos do filho do monarca português, D. Pedro I, que em pouco tempo entrou em conflito com interesses internos das elites. Após a Independência, a jovem monarquia brasileira sofreu ameaça de fragmentação do território, especialmente durante a Confederação do Equador (1824). Na década seguinte, após a abdicação de D. Pedro I em nome de seu filho, D. Pedro II (ainda uma criança), foi iniciado o período Regencial (1831-1840), marcado por grandes conflitos e contendas internas. Não por acaso, foram organizadas estratégias para elaborar uma História do Brasil, que justificasse a nova nação e interligasse o território simbolicamente, exaltando sua independência, mas sem romper vínculos civilizacionais com a Europa. Foi sendo iniciada a forja de uma História da Nação, mas seguindo de perto o ponto de vista do colonizador.

De acordo com Lucia Maria Paschoal Guimarães<sup>2</sup>, Francisco Adolfo Varnhagen (1816-1878) foi em parte responsável pelo início da construção dessa historiografia. Homem da alta aristocracia, ligado a dinastia de Bragança e fiel aos ideais monárquicos, o autor ficou famoso em Portugal por seus trabalhos de investigação histórica, sempre atraídos pelo Brasil, seu país de origem<sup>3</sup>. Varnhagen escreveu em 1838: “Notícias do Brasil”, reflexões críticas sobre o escrito do século XVI, um trabalho muito elogiado pelos intelectuais contemporâneos. Em 1839 começou a escrever para a revista “O Panorama”, de Alexandre Herculano, um ano depois Varnhagen lançou outro trabalho de investigação histórica: o “Diário da Navegação de Pero Lopes de Souza em 1532”. Essa obra trouxe a biografia de Martim Afonso e Pero Lopes de Souza, obra essa que lhe trouxe elogios durante a sessão da Sociedade de Geografia de Paris, preferidos pelo maior nome da historiografia portuguesa à época, Visconde de Santarém. Sua fama de grande historiador chegou ao Brasil através de uma carta direcionada ao então secretário do recém-criado Instituto Histórico Geográfico Brasileiro (IHGB), criado em 1838, na qual falava sobre mais um de seus feitos, a descoberta do túmulo de Pedro Álvares Cabral, em Santarém, na sacristia do Convento da Graça.

Foi por meio dos reconhecimentos de sua grande contribuição nos levantamentos de documentos e suas produções historiográficas sobre o Brasil que retornou ao seu país de origem e se tornou sócio correspondente do IHGB em 1840, participe na construção de uma história oficial do Brasil. Esse foi o mote do livro História Geral do Brasil (1850), uma obra escrita do ponto de vista do colonizador, na qual Varnhagen colocou como ponto primordial a conquista do território e a colonização, onde os portugueses foram postos como personagens heroicos fundamentais. Aqueles que venceram as adversidades geográficas, os perigos diversos, trazendo civilização, progresso e salvando os nativos da suposta barbárie em que se encontravam.

A historiografia pensada por Varnhagen era linear, sem rupturas e conflitos, o sujeito histórico era o europeu branco, que daria origem ao Estado imperial independente. A intenção era formar uma identidade brasileira, consolidando a unidade política e suas instituições, mas sem perder vínculos civilizacionais com a Europa.

---

<sup>2</sup> <http://www.usp.br/labteo/varnhagen/> acesso em 22-06-2020

<sup>3</sup> Francisco Adolfo Varnhagen nasceu em 17 de fevereiro de 1816, em Sorocaba interior de São Paulo, aos cinco anos de idade mudou-se com seus pais, o Coronel Frederico Luís Guilherme de Varnhagen e D<sup>a</sup>. Maria Flávia de Sá Magalhães para Portugal. Tinha um grande interesse por assuntos relacionados ao Brasil, sua aproximação com Alexandre Herculano e o Cardeal D. Francisco de São Luís lhe oportunizou ter acesso aos arquivos da Torre do Tombo, no qual permitiu suas pesquisas documental, que serviu de fonte para suas produções historiográficas. Retornou ao Brasil somente em 1840 com o objetivo de conseguir a nacionalidade brasileira a qual tinha muito orgulho. Disponível em: <http://www.usp.br/labteo/varnhagen>, acesso em: 18-09-2020

Capistrano de Abreu foi um leitor atento de Varnhagen e tornou-se seu maior crítico. Escreveu “O Necrológio de Francisco Adolfo Varnhagen”, publicado em 1878, ano da morte do autor de História Geral do Brasil. Segundo José Carlos Reis (2006, p.30), Capistrano reconheceu o valor histórico e a importância que Varnhagen teve para a historiografia brasileira no século XIX, no entanto, fez duras críticas à sua escrita, pois segundo ele, Varnhagen uniformizou a História do Brasil sob o ponto de vista luso, apresentando grande resistência na abordagem dos movimentos populares. Capistrano lamentou que seu precursor não tenha conhecido a Sociologia, que florescia entre as leituras de intelectuais brasileiros à época, que tinham como inspiradores Comte e Spencer<sup>4</sup>.

As produções de Varnhagen centravam-se em datas e fatos, nas quais as relações e agências sociais eram sobretudo visualizadas nos sucessos da administração colonial, marginalizando diversos atores sociais, especialmente populações negras e indígenas. O sertão em Varnhagen era visto como território antípoda do litoral, representava o interior obscuro da nação, tido como incerto, desconhecido, local de perigo, de bestialidade, selvageria. Como leitor crítico de Varnhagen, Capistrano de Abreu escreveu uma História mais atenta às especificidades do interior do Brasil e suas paisagens sociais, formadas a partir de encontros/desencontros nos sertões, uma história da nação na qual o interior também era visto como palco para a formação do povo brasileiro.

Para compreendermos melhor o porquê do distanciamento entre a escrita de Varnhagen e Capistrano temos que entender em quais contextos históricos os dois viveram. Varnhagen escreve História Geral do Brasil (1850) quando a monarquia estava se consolidando, o período necessitava que se criasse uma identidade nacional. Sua obra buscava contribuir para o fortalecimento do poder monárquico e para a unidade do novo país.

Capistrano de Abreu nasceu pouco tempo após o lançamento da obra de Varnhagen, viveu em um período de grandes transformações sociopolíticas, umas das mais importantes foi o enfraquecimento da monarquia, que levou aos questionamentos sobre a continuidade histórica entre Portugal e Brasil, radicalizadas no movimento republicano, entre outros acontecimentos, os quais serviram de base para as mudanças no âmbito dos estudos históricos.

---

<sup>4</sup> Auguste Comte (1798 – 1857) foi um dos mais importantes filósofos franceses, considerado o fundador do positivismo – corrente filosófica, política e científica. Foi o primeiro a empregar o termo sociologia. Herbert Spencer (1820-1903) foi um filósofo inglês, um dos maiores representantes do positivismo na Inglaterra. É considerado o fundador da teoria do darwinismo social, onde as classes diferenciadas formariam a seleção natural na sociedade. Teve grande influência em estudiosos como Durkheim. Disponível em <[https://www.ebiografia.com/auguste\\_comte/](https://www.ebiografia.com/auguste_comte/)> Acesso em: 03-04-2021.

## CAPÍTULO II

### A TRAJETÓRIA DE VIDA DE CAPISTRANO DE ABREU

#### 2.1 Capistrano de Abreu e sua Trajetória

Em 23 de outubro de 1853 nasceu João Capistrano Honório de Abreu, na cidade de Maranguape, Ceará. Seus pais, Jerônimo Honório de Abreu e Antônia Vieira de Abreu, tiveram dezessete filhos, dos quais nove faleceram ainda pequenos e um ao nascer. À época a família estava em processo de ascensão social, pois seu pai herdou um sítio de seu avô, João Honório de Abreu, conhecido como “amansa negro”, homem bastante rude e violento, até mesmo para os padrões da época. O pai de Capistrano tornou-se proprietário do sítio Columinjuba, de aproximadamente 72.000 metros quadrados. (SOUSA 2012, p. 01)

Jerônimo de Abreu, mesmo tendo um pai bastante rude e violento, era o mais cativado entre os filhos, e essa aproximação, segundo relatos, talvez tenha sido uma das razões para o recebimento da herança<sup>5</sup>. Jerônimo ao receber o sítio tocou os negócios da família, investiu e fez melhorias, diversificou as atividades produtivas montando uma fábrica de aguardente e açúcar; plantava algodão, mandioca, feijão e milho, construiu uma casa e mudou-se para lá, levando consigo a família, escravos e o oratório que era um artefato essencial, pois eram muito religiosos.

[...] A casa expressava o espírito místico-escravista dominante: era cheia de imagens de santos, rosário, relíquias, escapulários, terços e orações, e um dos seus cômodos era usado como sala de disciplina, a sala do tronco, com os instrumentos de suplícios para os escravos rebeldes e que, provavelmente o rebelde Capistrano também conheceu, pois, os filhos na sua época eram também amassados! (REIS, 2006, p 85)

Não diferente dos outros garotos de sua época e de sua condição social, Capistrano teve uma criação muito conservadora, sendo educado sob o dogmatismo da igreja católica, uma infância, marcada pela rigidez, severidade e austeridade de seu pai. Foi nessa conjuntura que Capistrano nasceu e foi educado até sua juventude, um ambiente característico do Brasil rural do século XIX.

---

<sup>5</sup> Esses relatos estão na Tese de Doutorado de Ricardo Alexandre Santos Sousa, “Capistrano de Abreu: História Pátria, Cientificismo e Cultura – A Construção da História e do Historiador”, Adriano de Abreu e Honorina de Abreu são dois dos cinco filhos que Capistrano teve. Eles não chegaram a produzir uma biografia, mas escreveram sobre o pai. Tais documentos não foram publicados, o autor da Tese chegou a digitalizar, mas como não foi publicado com o passar do tempo o disco se corrompeu e perdeu todo o arquivo. Os documentos físicos estão guardados hoje no convento das Carmelitas de Santa Teresa no Rio de Janeiro.

Diferente de outras crianças de sua idade, Capistrano era um garoto introspectivo, circunspecto e fechado, preferia um livro a uma bola, apreciava a leitura, mas contrapondo a isso foi considerado nas escolas um mau aluno, pois era muito distraído e os professores os viam como vadio e indolente. Estudou as primeiras letras em Ladeira Grande, logo depois estudou no Colégio Educando e no Ateneu Cearense. Aos 12 anos de idade seu pai o mandou para estudar no Seminário de Fortaleza, porém só passou um ano, pois seu comportamento e suas notas baixas o fizeram ser mandado de volta para casa, ao retornar Capistrano recebeu de seu pai castigos rigorosos. (SOUSA, 2012. pp. 2-4)

Apesar do desempenho considerado insatisfatório na escola, aos 15 anos Capistrano era um garoto conhecido por sua erudição, já lia em francês corretamente, o que o levou a ter contato com obras francesas clássicas. Por não ser muito adepto ao trabalho na fazenda e muito envolvido com a leitura, isso fez com que seu pai o enviasse em 1869 a Recife com o objetivo de estudar no curso preparatório para entrar na Faculdade de Direito. Apesar dos estudos formais, ao invés de estudar para ingressar na faculdade, deixou de frequentar o curso, para passar o tempo todo dentro de livrarias lendo, sem dar a mínima importância aos seus estudos. No final das contas, não chegou sequer a fazer o exame.

Tal fato foi causa de mais uma decepção para seu pai, que enfurecido, o levou de volta à fazenda e como punição o colocou no trabalho pesado na terra, proibido de ler durante o dia, somente a noite à luz da candeia. No entanto, o castigo não durou muito tempo, percebendo sua paixão pelos livros e sua falta de vocação para o trabalho braçal, Capistrano foi mandado para Fortaleza em 1873, nessa época já lia várias línguas além do português e francês, possuindo rudimentos de leitura em inglês, holandês, sueco e latim.

Neste mesmo ano Capistrano se tornou sócio fundador da “Academia Francesa”- movimento intelectual de cunho filosófico e literário – uma associação idealizada por Rocha Lima que tinha como objetivo difundir o Positivismo no Ceará e discutir as novas ideias oriundas do além-mar, as reuniões eram feitas na casa de Rocha Lima, as quais tinham como frequentadores associados Raimundo Antônio da Rocha Lima, Araripe Júnior, João Lopes, Amaro Cavalcante, Clóvis Beviláqua e Tomás Pompeu de Sousa Brasil.<sup>6</sup>

Nesta mesma época o jovem Capistrano conheceu o escritor José de Alencar, este o contratou para auxiliá-lo em uma pesquisa feita em Maranguape sobre o folclore regional. José de Alencar ficou impressionado com o nível de erudição de Capistrano para os padrões da

---

<sup>6</sup> Disponível em <http://www.fortalezaemfotos.com.br/2012/12/academia-francesa-do-ceara.html>. Acesso em 02/07/2020

época, fazendo com que o escritor o ajudasse na sua partida para o Rio de Janeiro. Capistrano chegou na Corte carregando consigo uma carta de recomendações escrita por José de Alencar, já afamado nacionalmente, que lhe rendeu um trabalho na livraria Garnier, tendo como função enviar notas sobre as publicações daquela revista. Em pouco tempo Capistrano já fazia parte do corpo Editorial. Passado um ano começou a lecionar no Colégio Aquino, ministrando aula de francês. (SOUSA, 2012, p. 05)

Em 1879 Capistrano concorreu a um concurso para trabalhar na Biblioteca Nacional (BN), passando em primeiro lugar. Seu ingresso na BN fez com que houvesse transformações em suas produções, pois publicava nos jornais, que até então eram de cunho literário. Souza (2012) afirma que sua partida para a Corte foi essencial para o amadurecimento da ideia de escrever a história da pátria, visto que o mesmo teve a oportunidade de adentrar no campo letrado. Capistrano teve acesso a novas interlocuções que estavam circulando no meio intelectual, como o historicismo alemão, que lhe abriu um novo horizonte, influenciando suas experiências como historiador<sup>7</sup>.

Sua leitura incessante dos clássicos da historiografia e sua pesquisa documental resultaram na elaboração da tese “O descobrimento do Brasil e seu desenvolvimento no século XVI”, postulada em um concurso à vaga da Cátedra de História do Brasil do Colégio Pedro II, que surgiu após o falecimento de Joaquim Manuel de Macedo.

O jornalista alemão Von Koseritz, além de assistir a defesa da tese, escreveu:

A tese de Capistrano, que trata com verdadeira maestria e grande saber do descobrimento do Brasil e de seu desenvolvimento o século XVI, era sem dúvida a melhor e tão excelente, era que ia muito além dos horizontes dos dois limitadíssimos examinadores Moreira Azevedo e Matoso Maia. Se o meu amigo Silvio (Romero), que também pertencia à Comissão, tivesse examinado, a coisa teria corrido de outra maneira. Mas foi um verdadeiro exemplo de dois examinadores ignorantes e intelectuais limitados, aos quais o examinado superava de longe e que por isto, com ele se chocava e se comprometiam a cada momento. Eles faziam as mais extraordinárias e, por vezes, mesmo, tolas objeções à tese do talentoso jovem, e via-se claramente como o Imperador se aborrecia com a incapacidade dos examinadores. O candidato bateu-os em toda linha e brilhou realmente à custa dos seus arguidores. Cada um deles examinou desta forma nada menos que satisfatória, cerca de meia hora, e assim que a hora tinha corrido o Imperador deu sinal

---

<sup>7</sup> “Historicismo é um entendimento filosófico desenvolvido no período compreendido entre o fim do século XIX e início do século XX, cuja principal referência filosófica atribui-se ao pensador alemão Wilhelm Dilthey (1833 - 1911). O conceito de historicismo se baseia em apontar as diferenças entre o homem e a natureza, entre o que a filosofia denomina de ciências humanas e naturais. O próprio Dilthey preferia classificar as ciências humanas como de espírito e cultura”.

Disponível em: <<https://www.concursosnobrasil.com.br/escola/filosofia/historicismo.html>>. Acessado em 03-04-2021.

para cessar a brincadeira cruel” (Imagens do Brasil, SP, 1943, pag.110 apud SOUSA, 2012)

Em 1883 Capistrano tomou posse do cargo, no qual permaneceu até 1889, pois com a fusão da História do Brasil à História Universal ele decidiu não lecionar a nova disciplina deixando o cargo à disposição. Para compreender a revolução historiográfica brasileira desenvolvida por Capistrano devemos mergulhar no contexto histórico ao qual ele pertenceu. Em 1864 o Brasil travara uma batalha contra o Paraguai que durou até 1870, trazendo fortes consequências, da destruição do Paraguai ao enfraquecimento da monarquia no Brasil devido uma forte crise econômica que surgiu após a guerra. O contexto europeu também estava sofrendo fortes mudanças no poder hegemônico, em 1870 a França declarou guerra contra a Prússia, que pouco tempo depois, em 1871, venceu a batalha.

Os desdobramentos da guerra Franco-Prussiana causaram fortes reflexos no campo social, político e cultural em toda Europa e conseqüentemente no Brasil, onde o ambiente intelectual era influenciado pelas correntes teórico-metodológicas advindas da França, que tinha autores consagrados como Augusto Comte, Hyppolite Taine e Ernest Renan, no entanto, com a vitória da Prússia (que posteriormente compôs a nação Alemã) a influência francesa perdeu força, cedendo lugar para influências de pensadores como o historiador Leopold von Ranke e o Geógrafo e Etnólogo Friedrich Ratzel, além das influências inglesas de autores como Herbert Spencer, Charles Darwin e Henry Thomas Buckle. (BARROS, 2010, p. 457 e 458)

Com o enfraquecimento da hegemonia cultural francesa sobre o Brasil, abriu-se um leque de correntes teórico-metodológicas advindas de várias partes da Europa. O Brasil tornou-se então um ambiente fortemente marcado pela diversidade intelectual que se propagava na época. Além do positivismo de Comte, outras correntes teóricas estavam no centro das discussões, como, por exemplo, o darwinismo social<sup>8</sup>, o historicismo alemão, entre outras linhas, que possibilitaram abrir diversas interlocuções no que se refere à disputa na produção do saber histórico.

---

<sup>8</sup> “Darwinismo Social é o nome dado a uma teoria que tenta entender as sociedades humanas e as relações possíveis entre elas. Embora não seja uma produção intelectual do biólogo britânico Charles Darwin, essa teoria recebe o seu nome devido à tentativa de aplicar pressupostos da teoria da evolução - que diz respeito às características biológicas dos seres vivos - ao contexto social. A perspectiva pregada pelos adeptos do Darwinismo Social considera a extinção de algumas sociedades como parte integrante do processo evolutivo. Desse modo, o princípio de seleção natural de que fala Darwin se aplicaria às sociedades. Essa perspectiva teórica tem as ideias de progresso e hierarquização racial como centrais para o entendimento das relações entre as sociedades. O Darwinismo Social surgiu no século XIX e tem Herbert Spencer como principal mentor”. Disponível em <https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/sociologia/darwinismo-social>. Acesso em: 03-04-2021.

Capistrano de Abreu e outros intelectuais de sua época como: Silvio Romero, Euclides da Cunha, Eduardo Prado, João Ribeiro, entre outros, viveram esses momentos. Foi no Rio de Janeiro que o historiador cearense aprendeu a ler a língua alemã, tornando-se leitor Leopold von Ranke e Friedrich Ratzel. Ao se deparar com novos vieses historiográficos, Capistrano se distanciou do cientificismo e do positivismo, se voltando para o historicismo, aproximando-se do entendimento de uma história social, com grande atenção às fontes históricas.

Capistrano de Abreu foi muito aclamado por seus pares, sua paixão pela leitura e pesquisa documental o levou ao seu reconhecimento pela classe intelectual da época, no entanto, era avesso a títulos e convenções, chegando ao ponto de recusar um convite para ser membro da Academia Brasileira de Letras. Segundo ele, em uma carta direcionada ao amigo Guilherme Stuart, em 1901, afirmou: “não quis fazer parte da Academia Brasileira, e é avesso a qualquer sociedade, por já achar demais a humana” (CÂMARA, 1969, p.176)

Capistrano tinha algumas características peculiares, que o tornavam uma pessoa excêntrica, além de sua modéstia, aversão as coisas mundanas, era conhecido também pela sua falta de asseio e desleixo. São vários os relatos sobre fatos ocorridos por causa de sua aparência, um caso bem conhecido foi no dia da prova do concurso para professor do Imperial Colégio de Pedro II, Capistrano não foi reconhecido como um dos concorrentes, visto que, todos estavam limpos, de casacas e bem alinhados, enquanto Capistrano estava desarrumado, vestido de forma bem simples, foi tomado como louco, sendo impedido de entrar, e teve que pular a janela para poder fazer a prova. Após o resultado, o ministro ao apresentar o decreto de nomeação do novo professor ao Imperador disse: “Pensei que este homem não poderia ser nomeado, pois Vossa Majestade bem viu que ele não tinha uma casaca, mesmo alugada ou emprestada, para apresentar-se”. Diante desse comentário, o Imperador teria dito: “Mande lavrar o decreto, nomeando-o, que a casaca virá depois, com os seus ordenados de professor”. (GONTIJO, 2007 p. 47- 48 apud. MATOS, 1953, p. 191-92)

Entre as características que permitem compreender Capistrano como um ser humano excepcional, estão a capacidade de leitura, a modéstia e o comportamento excêntrico, identificado tanto no hábito de dormir na rede, comer pimentas e vestir-se sem esmero, quanto na recusa a homenagens e na crítica de instituições e homens célebres (GONTIJO, 2007 p. 48 apud. MATOS, 1953, p. 239-241).

Essas características, vista por muitos como excêntricas, o aproximou o intelectual do homem comum, pois sua peculiaridade o afastou do perfil dos homens de letras, causando com isso um estranhamento para muitos. Rebeca Gontijo referenciou os intelectuais da época, “(...)



havia o intelectual romântico e o dandy bem vestido, com cartola e pince-nez, frequentador das altas rodas e, também, o intelectual boêmio, frequentador de bares e botequins e crítico das principais instâncias de consagração” (GONTIJO, 2007, p. 49).

No que se refere às questões do Novo Mundo, Capistrano tinha em mente a construção da identidade nacional e sua partida para a corte possibilitou ao mesmo ter acesso a diversas documentações sobre o Brasil colonial, tais documentos foram de grande importância para a construção de obras memoráveis, como: *O Descobrimento do Brasil e seu desenvolvimento no século XVI* (1883), *Capítulos de História Colonial* (1907), *Caminhos antigos e povoamento do Brasil* (1930), entre outras.

Capistrano redescobriu um Brasil diverso, geograficamente, etnicamente e socialmente. O autor descreveu de forma detalhada o território brasileiro, abordando temas inéditos como o processo de povoamento do sertão, as rotas do gado, a descoberta das minas e etc.

Capistrano será um dos iniciadores da corrente do pensamento histórico brasileiro que “redescobrirá o Brasil”, valorizando o seu povo as suas lutas, os seus costumes, miscigenação, o clima tropical e a natureza brasileira. Atribuirá a este povo a condição de sujeito da sua própria história, que não deveria vir mais nem de cima e nem de fora, mas dele próprio. O futuro do Brasil torna-se tarefa do povo brasileiro e, para melhor vislumbrá-lo, Capistrano recupera o passado deste povo em suas lutas e vitórias. Capistrano foi pioneiro na procura das identidades do povo brasileiro, contra o português e o Estado imperial e as elites luso-brasileiras. (REIS, 2006, p 95)

Ao falar de redescobrimento do Brasil, podemos perceber que o Brasil até então foi visto como uma extensão da Europa, o território, o povo, a cultura ainda estava de certo ponto oculta, Capistrano buscou elevar esses temas, descrevendo um novo cenário que se diferenciava do litoral, um povo com sua cultura própria, uma história de lutas no qual ali sim, poderia chamar de nação brasileira.

## **2.2 Capistrano de Abreu e o diálogo com a Geografia**

De acordo com Ricardo Alexandre (2012), Capistrano, a partir da segunda metade da década de noventa do século XIX, dedicou-se a analisar a história numa perspectiva geográfica, tendo como referência o geógrafo Friedrich Ratzel, o texto de *The History of the Mankind vol. I* serviu de modelo para a construção de *Capítulos de História Colonial* publicado em 1907, pois ao comparar as duas obras foi possível perceber a grande semelhança na construção dos tópicos. Ambos tecem seus trabalhos na seguinte ordem: localização, latitude, fronteiras e ilhas; rios e montanhas; clima; flora e fauna e, por último, população.

Sousa (2012), em sua Tese “Capistrano de Abreu: História Pátria, Cientificismo e Cultura – A Construção da História e do Historiador” buscou também comparar as duas obras,

encontrando fortes semelhanças na tessitura dos tópicos, conforme trechos abaixo dos textos dos referidos autores:

-Localização, latitude, fronteiras e ilhas:

Ratzel: “A área da América corresponde somente à metade do Velho Mundo. Seu comprimento é, entretanto, maior, abarcando 130 graus de Latitude entre as extremidades Norte e Sul. Mas em largura somente a Ásia a excede em duas vezes. [...] o Oeste do continente é rico em golfos, baías e penínsulas. Esse tipo de conformação na América aparece somente no Norte, porém tal ausência não tem grande influência nas condições climáticas como na África”.

Capistrano: “A quase totalidade do Brasil demora no hemisfério meridional, entre o Equador e o Trópico de Capricórnio alcança o país as maiores dimensões” pp.12 “Banha-se ao oriente o oceano Atlântico, numa extensão pouco mais ou menos de oito mil quilômetros. Como o cabo de Orange, limite com a Guiana Francesa, dista 37 graus do Xuí, limite com o Uruguai, salta logo aos olhos a insignificância da periferia marítima; repete-se o espetáculo observado na África e na Austrália; nem o mar invade, nem a terra avança; faltam mediterrâneos, penínsulas, golfos, ilhas consideráveis; os dois elementos coexistem quase sem transições e sem penetração; com recursos próprios o homem não pôde ir além da pescaria em jangadas”.

-Rios e Montanhas:

Ratzel: “A cadeia de montanhas de 10 mil milhas de comprimento, vai da extremidade Sul até os mares polares dos dois continentes [...]. Elas seguem como uma estreita cadeia próxima à margem do extremo Oeste e, portanto, toda a outra parte menos montanhosa se encontra a leste” pp.2 “O interior do Brasil é um planalto separado do mar por uma franja de montanhas descendo gradualmente no Norte e no Sul para as planícies. O vapor do Atlântico não chega a penetrar nessa parte do território. Assim a água corrente não penetra nesse solo para fertiliza-lo. É o campo de savana brasileiro. Há, contudo, uma maior variação de espécies de plantas do que na África. O que se deve a uma múltipla composição do solo”.

Capistrano: “Da serra do Mar desprende-se a da Mantiqueira, que mais pelo interior vai desde o Estado do Paraná até Minas Gerais. Nela fica o pico mais alto do Brasil, o do Itatiaia, com cerca de três mil metros de altitude. Vem depois a serra do Espinhaço, que acompanha o Rio São Francisco pelo lado direito até ser cortada na grande curva traçada a nordeste por ele antes de se lançar no oceano. Ambas representam papel somenos como divisores de águas: a da Mantiqueira entre o Paraíba do Sul e o alto Paraná, a do Espinhaço entre o S. Francisco, de que estreita a bacia ao oriente, logo depois de formado o rio das Velhas, e os rios de meia-água que se dirigem ao mar: Doce, Jequitinhonha, Pardo, Contas, Paraguaçu”. (SOUZA, 2012, p.106-198 apud RATZEL, 1896 p. 04, ABREU, 1982 p. 16)

Diante da comparação dos trechos das duas obras *The History of the Mankind vol. I* de Ratzel e Capítulos de História Colonial de Capistrano foi possível perceber as conexões que elas fazem na perspectiva antropogeografias. Ratzel foi para Capistrano a referência na construção do elo entre o diálogo das duas disciplinas, a História e a Geografia.

Capistrano se aproximou do pensamento de Ratzel em vários pontos, um deles é a influência do meio sobre as civilizações, para Ratzel, a raça humana era oriunda de um único centro, o que distingue uma civilização da outra é o ambiente em que vivem. O meio nessa perspectiva pode ser favorável para a evolução das civilizações como pode ser empecilho para a evolução das mesmas. (SOUZA, 2007, p. 201)

Segundo Francisco Falcon (1999), Capistrano de Abreu colocou como fator principal do processo histórico brasileiro “A ocupação” – Construção do espaço geográfico. Diante disso ele evidencia dois períodos históricos a partir de duas rotas tomadas pelos colonizadores durante o século XVI: o primeiro foi a ocupação do litoral caracterizado pela exploração e comércio de madeira, a plantação de açúcar e fumo; o segundo foi a interiorização do território, nas rotas dos sertões, que teve como fator econômico principal a criação de gado e a mineração.

Em função dessa perspectiva, ganham significados alguns pares semânticos por ele utilizados: litoral e interior ou sertão; viagens exteriores e interiores; ação dos particulares e dos governos; entradas e bandeiras; sertão e cidades ou litoral. (FALCON, 1999, p. 14)

Essa dualidade foi uma das formas que Capistrano utilizou para identificar a formação do caráter nacional, pois segundo ele o processo de colonização do Brasil teve duas direções traçadas, uma via governo; que de forma planejada colonizou e explorou todo o litoral, fazendo comunicação direta com Portugal, o que formou uma civilização litorânea nos moldes lusitanos; e outra via donatários das capitâneas senhoriais e seus séquitos, os quais com o fracasso da ocupação de parte do litoral adentrou o sertão, onde, segundo Capistrano, sem contato com Portugal, formou um novo povo.

Em resumo, foi o governo que explorou e colonizou quase todo o litoral, que nos pôs em comunicação com a Europa e que para aqui transplantou a civilização ocidental; mas foram os donatários que iniciaram a conquista do sertão e assim concorreram para a formação de um país e de um povo novos e que desde o começo tenderam a diferenciar-se dos moldes europeus. (FALCON, 1999, p. 15 apud ABREU, 1976)<sup>9</sup>

O distanciamento causado pelo isolamento dos colonos que adentraram para o sertão fez com que os mesmos adquirissem nova cultura, novos hábitos e variações linguísticas formando, segundo Capistrano, o povo brasileiro.

---

<sup>9</sup> Essa citação encontrei na Revista do Arquivo Nacional, volume 12, Edição janeiro a dezembro 1999, fui atrás do texto original e não encontrei, segundo a referência de Francisco Falcon está em um desses ensaios Capistrano de Abreu, Ensaios e estudos , 1ª série, 2ª edição, nota liminar de José Honório Rodrigues, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira/Instituto Nacional do Livro, 1975; Ensaios e estudos , 2ª série, 2ª edição, 1976; Ensaios e estudos , 3ª série, 2ª edição, 1976; Ensaios e estudos , 4ª série, edição preparada e prefaciada por José Honório Rodrigues, Civilização Brasileira, 1976.

A obra Capítulos de História Colonial, escrita por Capistrano de Abreu, foi dividida em onze capítulos: I Antecedentes indígenas, II Fatores exóticos, III Os descobrimentos, IV Primeiros conflitos, V Capitânicas hereditárias, VI Capitânicas da coroa, VII Franceses e espanhóis, VIII Guerras flamengas, IX O sertão, X Formação de limites, XI Três séculos depois. Escrevendo numa perspectiva histórica-geográfica, o autor iniciou o livro utilizando os dois primeiros capítulos para fornecer dados geográficos.

A quase totalidade do Brasil demora no hemisfério meridional, e entre o Equador e o Trópico de Capricórnio alcança o país as maiores dimensões. Cercam-no ao sul, a sudoeste, oeste e noroeste as nações castelhanas do continente, exceto o Chile, por se interpor a Bolívia, e o Panamá, por se interpor a Colômbia. Se confrontará algum dia com o Equador hão de decidir negociações ainda ilíquidas. Desde o alto rio Branco até beira-mar seguem-se colônias de Inglaterra, Holanda e França, ao norte. (ABREU, (1907) 1998, p. 13)

Capistrano fez um mapeamento geográfico (relevo, clima, bacias hidrográficas, fauna, flora) descreveu detalhadamente todo o território, desenhou o cenário de sua narrativa, preparando os leitores para situarem espacialmente os principais acontecimentos históricos durante o processo de colonização do Brasil.

Além da perspectiva geográfica, de acordo com José Carlos Reis, Capistrano foi um dos iniciadores de uma nova corrente de pensamento histórico, tratou de temas que antes eram deixados à margem e colocou novos personagens na sua narrativa. Para ele havia dois segmentos de habitantes, os indígenas, que eram os verdadeiros brasileiros, e os alienígenas, que seriam os europeus e as populações africanas. Capistrano atribuiu a este povo a responsabilidade da formação do caráter nacional, mas de maneira bastante tensa e problemática.

## CAPÍTULO III

### O SERTÃO NO OLHAR DE CAPISTRANO DE ABREU

#### 3.1 O sertão e a escrita da História do Brasil

Capistrano descreveu de forma concisa o interior do Brasil, as coordenadas geográficas, as peculiaridades de cada região, vegetação, clima, solo e algumas das principais vias de acesso aos sertões, os rios. O autor posicionou em seu livro, mais especificamente no Capítulo IX, intitulado “O Sertão”, reflexões comparativas que repensavam a importância de eventos ligados à ocupação da costa, tidos em geral como centrais para a formação da nação.

A invasão flamenga constitui mero episódio da ocupação da costa. Deixa-a na sombra a todos os respeito o povoamento do sertão, iniciado em épocas diversas, de pontos apartados, até formar-se uma corrente interior, mais volumosa e mais fertilizante que o ténue fio litorâneo (ABREU, (1907) 1998 p. 107).

A visão do autor a respeito do caráter nacional diverge grandemente da tese de seus antecessores, em especial de Varnhagen e da interpretação de Carl Phillip von Martius, vencedor do concurso do IHGB sobre como se deveria escrever a história do Brasil, outorgado em 1847 (MARLEVAL, 2019). Estes enxergavam enlevos da formação da nacionalidade na expulsão dos holandeses do litoral, evento ocorrido no século XVII e apontado como agregador dos três grupos sociais majoritários existente no território (índios, negros e portugueses), supostamente irmanados num propósito em comum. Distanciando-se de tal interpretação, para Capistrano, quando se comparava a invasão e expulsão flamenga ao longo processo de devassa do sertão percebia-se sua importância episódica no debate da nacionalidade.

De acordo com Capistrano esses avanços iniciaram pela Capitania de São Vicente, sob o comando de Martin Afonso de Sousa, mais precisamente no estabelecimento de Piratininga que ficava na borda do campo. O referido autor dispõe entre os atores da interiorização do Brasil os bandeirantes. Sua visão sobre os bandeirantes seguia reflexões de Montoya<sup>10</sup>: homens, em geral filhos de índias com portugueses, denominados de mamelucos, que embrenhavam na mata com objetivos de capturar e escravizar os povos indígenas.

---

<sup>10</sup>Antonio Ruiz de Montoya viveu entre 1585 a 1652, um sacerdote peruano, dedicou metade de sua vida as missões Jesuítas, onde tinha como objetivo catequisar os povos indígenas e protegê-los das perseguições por parte dos bandeirantes.

Tais expedições de apresamento ocorreram entre o século XVI e XVII, essas expedições tinham como objetivo explorar o sertão a procura de novas terras, riquezas minerais, mas sobretudo captura de indígenas para mão de obra escrava. Essas incursões eram de risco extremo, além da dificuldade de acesso, havia batalhas sangrentas, daí a necessidade que os bandeirantes, enquanto cristãos católicos, tinham de um capelão, pois para eles a extrema união era de grande valor na hora da morte.

(...)Meu capelão saiu para fora estando eu para sair para a campanha", escrevia Domingos Jorge Velho, em novembro de 1692, "mandei-o buscar; não quis vir; de necessidade busquei o inimigo; sem ele morreram-me três homens brancos sem confissão, cousa que mais tenho sentido nesta vida; peço-lhe pelo amor de Deus me mande um clérigo em falta de um frade, pois se não pode andar na campanha e sendo com tanto risco de vida sem capelão (...). (Idem, p.108)

Nesse período existia dois tipos de empreendimentos, quais sejam, as entradas oficiais financiadas pelo governo colonial e as bandeiras particulares financiadas por comerciantes e fazendeiros que organizavam expedições visando lucrar com o resultado das viagens. Estes objetivavam conquistar terras para a lavoura e criação de gado, encontrar metais preciosos, como ouro e prata, além de atacar violentamente povos indígenas, capturados e vendidos posteriormente como escravos.

Capistrano mapeou alguns trajetos percorridos pelos bandeirantes nas expedições aos sertões do Brasil, como no caso da expedição iniciada pelo rio Tietê:

Os bandeirantes deixando o Tietê alcançaram o Paraíba do Sul pela garganta de São Miguel, desceram-no até Guapacaré, atual Lorena, e dali passaram a Mantiqueira, aproximadamente por onde hoje a transpõe a E. F. Rio e Minas. Viajando em rumo de Jundiaí e Mogi, deixaram à esquerda o salto do Urubupungá, chegaram pelo Paranaíba a Goiás. De Sorocaba partia a linha de penetração que levava ao trecho superior dos afluentes orientais do Paraná e do Uruguai. Pelos rios que desembocam entre os saltos do Urubupungá e Guaiará, transferiram-se da bacia do Paraná para a do Paraguai, chegaram a Cuiabá e a Mato Grosso. Com o tempo a linha do Paraíba ligou o planalto do Paraná ao do S. Francisco e do Parnaíba, as de Goiás e Mato Grosso ligaram o planalto amazônico ao rio-mar pelo Madeira, pelo Tapajós e pelo Tocantins (Idem, p.109)

Segundo o autor as primeiras expedições que exploraram os sertões do Brasil foram devastadoras. Para Capistrano, tais empreendimentos não foram causa do povoamento do território e sim o contrário, competia para sua depopulação. Por volta de 1610, Jesuítas castelhanos também começaram a explorar os sertões, na tentativa de catequisar indígenas que lá viviam, iniciando pela margem oriental do rio Paraná, onde fundaram vários aldeamentos denominados de "Reduções", nas quais juntaram os indígenas que viviam na mata em pequenos

grupos, os quais ficavam separados léguas de distância. Os jesuítas conduziram a formação de aldeamentos, vistos, a priori, com bons olhos pelos bandeirantes, pois ali poderiam encontrar “presas” fáceis.

Não se imagina presa mais tentadora para caçadores de escravos. Por que aventurar-se a terras desvairadas, entre gente boçal e rara, falando línguas travadas e incompreensíveis, se perto demoravam aldeamentos numerosos, iniciados na arte da paz, afeitos ao jugo da autoridade, doutrinados no abanheem? (Idem, p.111)

Logo nos primeiros ataques, os bandeirantes se depararam com os Jesuítas dispostos a proteger os indígenas que se encontravam nos aldeamentos. Inconformados com o empreendimento mal sucedido, buscaram apoio com o governo de Asunción, colonizado por espanhóis, no qual só tiveram respostas favoráveis em 1628, durante o governo de Luís Céspedes Xeria, Governador do Paraguai, que participou de uma dessas viagens, onde mesmo admirando o trabalho dos Jesuítas nas reduções, ordenou para os bandeirantes avançarem.

Capistrano, a partir dos escritos de Montoya, descreveu as invasões dos bandeirantes nos aldeamentos, em geral, descritos como ataques brutais. As investidas iniciaram pela redução de S. Antônio, que ficava à margem direita do rio Ivaí; logo após, uma série de reduções indígenas foram devastadas. O autor questionou essas invasões, nas quais os bandeirantes utilizam requintes de crueldade contra os povos indígenas. Ao descrever um relato penoso da invasão ao aldeamento de Jesus Maria, no rio Pardo, o autor questionou: “Compensará tais horrores a consideração de que por favor dos bandeirantes pertencem agora ao Brasil as terras devastadas?” (Idem, p.112).

Os indígenas aprisionados eram destinados ao trabalho escravo para diversos serviços, os *Carijó*, por exemplo, que se encontravam nas reduções já convertidos ao cristianismo, foram aprisionados e posteriormente empregados no ataque a outros povos, aumentando o contingente das expedições dos bandeirantes, servindo como auxiliares e carregadores. As índias, sendo elas solteiras ou não, eram barbaramente violentadas pelos bandeirantes. Segundo Montoya, citado por Capistrano: *"las mujeres que en este, y otros pueblos (que destruyeron) de buen parecer, casadas, solteras o gentiles, el dueño las encerraba consigo en un aposento, con quien pasaba las noches al modo que un cabron en un curral de cabras"* (Idem, p. 112).

Antonio Ruiz de Montoya, jesuíta responsável pela construção de várias reduções, foi um hábil sacerdote que viabilizou contatos com os caciques da região de Assunção, mais precisamente na região de Guayreña. Montoya tinha fluência na língua guarani, o que facilitava

seu contato com esses povos. Sua experiência, observação e convivência direta com os nativos lhe descortinaram vários traços e especificidades culturais dos povos contatados. Devido isso, foi possível escrever sobre esses indígenas, tratando de maneira pormenorizada sobre costumes, hábitos e também sobre a forma de organização social dos indígenas.

Devido aos fortes ataques às reduções comandadas por Montoya, este teve que organizar fugas, na tentativa de salvar os povos indígenas das investidas dos bandeirantes, pois as autoridades eram omissas ao que ocorria nos aldeamentos, sendo a única saída fugir dos ataques. Mesmo assim os assaltos persistiam, cada vez mais brutais, Montoya juntamente com o Francisco Dias Taño foram enviados para Madri e Roma, respectivamente, para entrar com um processo de denúncias contra os bandeirantes e governantes locais e também propor o armamento indígena.

De volta trouxeram consigo ordens e censuras às autoridades coloniais, no entanto todas perdidas devido a população se alvoroçar, em consequências foram expulsos pelos paulistas, onde só puderam retornar anos mais tarde, através de negociações.

A Companhia de Jesus conseguiu através do sistema de encomendas a administração dos índios, na qual Montoya treinou os indígenas na arte militar, preparando-os para o armamento de fogo. Os bandeirantes logo se depararam com um batalhão indígena fortemente armado, perdendo assim sua superioridade, sendo com isso derrotado. As expedições dos bandeirantes, com finalidade de escravizar os indígenas e despovoar vastas regiões, foram perdendo o poder e com ele o atrativo para empreitadas semelhantes naqueles sertões.

Além de observar a interiorização no sentido do atual Estado do Paraná até as fronteiras com o Paraguai, Capistrano tratou também das expedições bandeirantes em direção à Bahia e no rumo do Norte da Colônia. No início não foram fáceis tais devassas, pois lá se encontravam indígenas muito aguerridos, aparentados dos *Aimorés*, tidos pelos portugueses como tapuias, pois não falavam a língua tupi. Estes travaram várias guerras contra os invasores, rechaçando-os. Devido isso durante várias décadas foram poucas as expedições nessa área, muitas vezes trucidadas pelos indígenas que defendiam seus territórios. Tiveram que recorrer ao bandeirante Domingos Barbosa Calheiros, que embarcou para a Bahia com o objetivo de conquistar o interior baiano. A tentativa se mostrou inútil, pois logo ao chegar foi atacado pelos *Paiaiás*, nessa expedição havia mais de duzentos homens e poucos conseguiram retornar.<sup>11</sup>

---

<sup>11</sup> No capítulo analisado por vezes senti falta de datas, pois o autor poucas vezes situou temporalmente seus relatos, um exemplo foi o referido parágrafo que não é informado uma data.



Após essa tentativa frustrada, outras incursões ocorreram para pelear contra os indígenas, a que obteve sucesso foi a chefiada por dois paulistas que foram contratados para conquistar terras baianas em 1671, Brás Rodrigues de Arzão e Estevão Bairão Parente, após alguns anos de batalha, conseguiram dominar as aldeias que ficavam a margem do rio Paraguaçu.

Capistrano apontou alguns fatores facilitadores para a interiorização baiana, a abundância de matas na parte superior do rio, as boas condições de navegabilidade dentro do planalto e o comércio de canoas, pois alguns paulistas começaram a comercializar canoas nos trechos encachoeirado onde a vegetação era escassa. Nesse ponto é possível perceber o desenvolvimento de atividades econômicas no interior do Brasil no âmbito da colonização, e assim os núcleos de povoamento iam se estabelecendo ao longo do caminho percorrido através dos rios.

Aos poucos, vilas foram se formando, sempre na proximidade das margens dos rios, pois os estes eram as principais estradas e meios subsistência. Nesse sentido, Capistrano citou Azevedo Marques, o qual fez um levantamento das vilas do sertão de São Paulo no século XVII:

Mogi das Cruzes.....	3 de setembro de 1611
Parnaíba.....	14 de novembro de 1625
Taubaté.....	5 de dezembro de 1650
Jacareí.....	1653 <sup>12</sup>
Jundiaí .....	14 de dezembro de 1655
Guaratinguetá.....	13 de fevereiro de 1657
Itu .....	18 de abril de 1657
Sorocaba.....	3 de março de 1661

(Idem, p.116)

Essas vilas precedem as descobertas auríferas, nas quais a sua densidade maior encontrava-se no Paraíba: Jacareí, Taubaté e Guaratinguetá, no entanto a população era consideravelmente pequena.

Os paulistas na época eram considerados destemidos pelos poderes coloniais. Tal chegou aos ouvidos do rei de Portugal D. Pedro II “o Pacífico” através de uma carta anônima logo após 1690, quando o rei queria explorar as riquezas auríferas encontradas no sertão brasileiro.

"Sua Majestade podia se valer dos homens de São Paulo, fazendo-lhes honras e mercês, que as honras e os interesses facilitam os homens a todo o perigo, porque são homens capazes para penetrar todos os sertões, por onde andam continuamente sem mais sustento que caças do mato, bichos, cobras, lagartos,

---

<sup>12</sup> Na referida vila, só foi citado o ano que foi fundada.

frutas bravas e raízes de vários paus, e não lhes é molesto andarem pelos sertões anos e anos, pelo hábito que têm feito daquela vida. E suposto que estes paulistas, por alguns casos sucedidos e uns para com outros, sejam tidos por insolentes, ninguém lhes pode negar que o sertão todo que temos povoado neste Brasil eles o conquistaram do gentio bravo que tinha destruído e assolado as vilas de Cairu, Boipeba, Camamu, Jaguaribe, Maragogipe e Peruaçu no tempo do governador Afonso Furtado de Mendonça, o que não puderam fazer os mais governadores antecedentes por mais diligências que fizeram para isso.” (Idem, 117)

Os paulistas foram considerados os atores principais no processo de conquista do sertão, pois com suas características peculiares, foram capazes de explorar muitas áreas da Colônia. Nesse sentido, as entradas para o Maranhão foram feitas por Bento Maciel que foi eleito por Jerônimo de Albuquerque, então Capitão-mor do Maranhão, a Capitão de entradas, pois o mesmo tinha experiência com guerras como a guerra da Paraíba e Rio Grande do Norte. Segundo Capistrano, “Durante esta primeira década, Bento Maciel fez diversas entradas aos rios Mearim e Pindaré, seguindo os exemplos e processos dos bandeirantes e construiu um forte no Itapecuru, bastante acima da barra”<sup>13</sup>. (Idem, 118)

O Maranhão era uma região de difícil acesso e comunicação com as outras regiões do Brasil pelo interior. Na tentativa de colonizá-lo, inicialmente trouxeram centenas de açorianos iludidos com a propaganda feita por Simão Estação da Silveira, na qual colocava o Maranhão como um lugar auspicioso para povoar, na propaganda colocou inúmeras vantagens, descreveu o Maranhão como uma região abundante e de uma beleza espetacular. Ao chegar aqui se depararam com uma região cheia de escassez e miséria.

As dificuldades de comunicações marítimas entre o Maranhão e o resto do Brasil sugeriram a idéia de criar ali um estado independente. Isto se ordenou em 621. Começava no Ceará, próximo do cabo de São Roque, e ia à fronteira setentrional, ainda indefinida, do Pará. Francisco Coelho de Carvalho, primeiro governador, aportou a Pernambuco ao tempo da invasão holandesa na Bahia. Deteve-o ali Matias de Albuquerque; depois, sob vários pretextos, foi se deixando ficar; só em agosto de 26 chegou a seu destino, levando Manuel de Sousa de Sá, capitão-mor do Pará, declarado agora dependente do Estado do Maranhão. (Idem, 1998, p. 119).

Diante de tantos percalços, o povo tinha a esperança de encontrar a terra e ter seu sossego garantido perante os poderes, e além das roças, começaram a plantação de cana,

---

<sup>13</sup> Capistrano não coloca uma data específica, em diversas parte do texto noto um anacronismo ou a falta de uma situação temporal, é o caso deste trecho do texto, ele coloca “Durante esta primeira década”, infere-se que ele esteja falando da década de 1618, visto que foi uma data que ele tenha citado antes.

algodão e fumo; o fio e o pano de algodão correram como moeda. Toda a produção era transportada pelos os rios.

Observa-se que quando perdido o contato com o Estado, eles mesmos se faziam Estado, segundo Capistrano “com os índios só havia duas políticas racionais: ou deixá-los aprisionar à vontade como então se fazia, ou proibir expressamente toda e qualquer escravidão”. (Idem, p. 124). Até mesmo a igreja vivia em guerra, pois ela tinha suas doutrinas, segundo o autor, “viagens pelo sertão e rios, travessias do oceano, sermões cáusticos, papéis sediciosos, expulsões e exprobrações, em suma uma série de tumultos trágicos ou burlescos”, era assim que vivam governos, jesuítas, colonos e índios. (Idem, p.125)

Os anos seguintes à partida de Antônio Vieira para a Europa em 1661 assinalam-se pela legislação caótica a respeito de aldeias, jurisdição espiritual e temporal, descimentos, salários e escravidão dos índios. Em 1680 uma lei proibiu que os índios fossem escravizados, única solução lógica e justa, se houvesse gente bastante honesta e bastante enérgica para fazê-la respeitada. Para mitigar as queixas dos colonos criou-se uma companhia de comércio com o privilégio de vender certos gêneros de primeira necessidade, que compraria toda a produção do estado e forneceria escravos africanos. (Idem, p.129).

De acordo com a citação acima, aconteceu a proibição em escravizar os índios por volta de 1680, sendo que as virtudes da referida medida, que seriam a honestidade e o respeito, não ultrapassaram o nível das intenções. Criaram também uma companhia de comércio para venda dos produtos, porém mal administrada, começavam a ser desonestos para quem tinha sua produção, assim gerando conflito com fazendeiros.

Os primeiros ocupadores do sertão passaram vida bem apertada; não eram os donos das sesmarias, mas escravos ou prepostos. Carne e leite havia em abundância, mas isto apenas. A farinha, único alimento em que o povo tem confiança, faltou-lhes a princípio por julgarem imprópria a terra à plantação da mandioca, não por defeito do solo, pela falta de chuva durante a maior parte do ano. O milho, a não ser verde, afugentava pelo penoso do preparo naqueles distritos estranhos ao uso do monjolo. As frutas mais silvestres, as qualidades de mel menos saborosas eram devoradas com avidez. Pode-se apanhar muitos fatos da vida daqueles sertanejos dizendo que atravessaram a época do couro. De couro era a porta das cabanas, o rude leito aplicado ao chão duro, e mais tarde a cama para os partos; de couro todas as cordas, a borracha para carregar água, o mocó ou alforge para levar comida, a maca para guardar roupa, a mochila para milhar cavalo, a peia para prendê-lo em viagem, as bainhas de faca, as broacas e surrões, a roupa de entrar no mato, os banguês para cortume ou para apurar sal; para os açudes, o material de aterro era levado em couros puxados por juntas de bois que calcavam a terra com seu peso; em couro pisava-se tabaco para o nariz. (Idem. 134).

Os sertanejos eram os responsáveis por carregar carne nas costas, e na porção do interior brasileiro mais conectado à pecuária, caracteristicamente mais árido, pela a falta de chuva não

havia uma produção sustentada de farinha. Na produção de gado, tudo era aproveitado, desde o couro à carne, principalmente o couro, que era aproveitado por completo.

Desvanecidos os terrores da viagem ao sertão, alguns homens mais resolutos levaram família para as fazendas, temporária ou definitivamente e as condições de vida melhoraram; casas sólidas, espaçosas, de alpendre hospitaleiro, currais de mourões por cima dos quais se podia passear, bolandeiras para o preparo da farinha, teares modestos para o fabrico de redes ou pano grosseiro, açudes, engenhocas para preparar a rapadura, capelas e até capelães, cavalos de estimação, negros africanos, não como fator econômico, mas como elemento de magnificência e fausto, apresentaram-se gradualmente como sinais de abundância. (Idem, p.137)

O texto infere que cansado da viagem ao sertão, e em busca de melhoria, optavam por fazenda, para que ali pudessem prevalecer e organizar seu espaço de vida, temporário ou permanente. Capistrano afirma: “Se a Bahia ocupava os sertões de dentro, escoavam-se para Pernambuco os sertões de fora, começando de Borborema e alcançando o Ceará, onde confluíam a corrente baiana e pernambucana. Percurso de grande valia em suas descobertas e guerras” (Idem, p. 137). O autor continua:

Os triunfos colhidos em guerras contra os estrangeiros, as proezas dos bandeirantes dentro e fora do país, a abundância de gados animando a imensidade dos sertões, as copiosas somas remetidas para o governo da metrópole, as numerosas fortunas, o acréscimo da população, influíram consideravelmente sobre a psicologia dos colonos. Os descobertos auríferos vieram completar a obra. Não queriam, não podiam mais se reputar inferiores aos nascidos no além-mar, os humildes e envergonhados mazombos do começo do século XVII. Por seus serviços, por suas riquezas, pelas magnificências da terra nata, contavam-se entre os maiores beneméritos da coroa portuguesa. (Idem. p. 155).

Triunfos e atrito fizeram parte do cotidiano dos colonos no processo de interiorização da colonização. Atento as referidas experiências e suas territorialidades, Capistrano forneceu em sua obra elementos bastante elucidativos da formação da nação com olhos voltados para o interior do Brasil. Os sertões, assim, ganharam mais camadas de sentido, que incluíam os escritos do historiador cearense.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A investigação deste trabalho acadêmico partiu da pesquisa bibliográfica com base nos estudos de escritos de Capistrano de Abreu com abordagem qualitativa descritiva. O historiador com sua interpretação e crítica na obra *Capítulos de História Colonial*, retratou o percurso da história da nação descrevendo cenário da escravidão, de guerras e devassas.

Capistrano redescobriu um Brasil de forma detalhada com ênfase no povo, na identidade formada a partir de confrontos e tensões, e não simplesmente através da miscigenação de povos e culturas. O sertão foi para Capistrano o cenário principal para a formação de identidade nacional, o referido autor partiu da premissa que o litoral era apenas uma extensão da Europa, que a formação da nacionalidade se deu a partir do distanciamento dos moldes lusitanos que existiam no litoral, e o sertão foi o lugar propício, pois lá o povo sertanejo, encontrou forças para lutar pelo seu lugar, construindo um certo sentimento de pertencimento, imbricando-se posteriormente na nação.

Além de Capistrano, o sertão também está em diversas obras da literatura brasileira, visto que por ser um termo comumente falado o seu conceito e representação enraizou-se no imaginário popular ao longo do tempo. Percebe-se que, além dos historiadores, essa concepção foi bastante popularizada por grandes romancistas brasileiros tais como: Euclides da Cunha (*Os Sertões*, 1902), Rachel de Queiroz (*O quinze*, 1930), Graciliano Ramos (*Vidas Secas*, 1938), João Cabral de Melo Neto (*Morte e Vida Severina*, 1955), Guimarães Rosa (*GRANDES SERTÕES: veredas*, 1956) dentre outros.

## REFERÊNCIAS

ABREU, João Capistrano de. **O Descobrimento do Brasil**. 2ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira: Brasília, INL, 1996.

ABREU, Capistrano de. 1853-1924. **Capítulos de história colonial: 1500-1800** / J. Capistrano de Abreu. --Brasília: Conselho Editorial do Senado Federal, Biblioteca básica brasileira, 1998.

AMADO, J. Ponto de vista – **Região, sertão, nação**. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 15, 1995.

BACIC, G. **Os Sertões, baseado na obra de Euclides da Cunha**. São Paulo, TV Cultura, 1995.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem**. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2009.

BARROS, José D'Assunção. **Duas Fases de Capistrano de Abreu: Notas em torno de uma produção historiográfica**. *História, Historiadores e Historiografia*, Projeto História nº 41: Dezembro – 2010.

BARROSO, G. “**A origem da palavra ‘Sertão’**”. *Boletim Geográfico*. Rio de Janeiro: IBGE, V(52): 401-403, junho, 1947.

BOSI, Alfredo. **O Modernismo e o Brasil depois de 30**. In: BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 2 ed. São Paulo: Cultrix, 1980.

CAMINHA, Adolfo. **Coelho Neto** in: *Cartas Literárias*. Rio de Janeiro, 1895, p.57/67.

CÂMARA, José Aurélio Saraiva. **Capistrano de Abreu: tentativa biobibliográfica**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1969.

CANDIDO, Antonio. **O direito à literatura**. In: *Vários Escritos*. Rio de Janeiro: Duas cidades, 2004.

COELHO, Nelly Novaes. **Dicionário crítico de escritoras brasileiras**. São Paulo: Escrituras, 2014.

CUNHA, A. G. (org.). **Vocabulário da Carta de Pero Vaz de Caminha**. Rio de Janeiro: INL/MEC, 1964 (*Dicionário da Língua Portuguesa – Textos e Vocabulários*, 3).

CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. São Paulo: Editora Brasiliense S.A., 1985 LUNA, Jairo. *A chave esotérica de Mensagem de Fernando Pessoa*. Disponível em: [http://www.jayrus.art.br/Apostilas/Academica/Chave\\_Esoterica\\_Mensagem\\_F\\_Pessoa.pdf](http://www.jayrus.art.br/Apostilas/Academica/Chave_Esoterica_Mensagem_F_Pessoa.pdf) MOISES, Massaud. *A literatura portuguesa através dos textos*. São Paulo: Cultrix, 1968.

ESCÓRCIO, Maíra Leite. **“O SERTÃO É UM MUNDO”**. Uma aproximação fenomenológica dos modos de ser-no-mundo de sertanejos do semiárido nordestino. Dissertação de Mestrado. (Mestrado em Psicologia). Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2016. Disponível em: <<https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/23376>>. Acesso em: 24 mar. 2020.

FALCON, Francisco J. C. **As ideias e noções de ‘Moderno’ e ‘Nação’ nos textos de Capistrano de Abreu: os Ensaios e Estudos – 4ª. Série - comentários**. Acervo, Rio de Janeiro, v. 12, p. 5 – 26, jan./dez. 1999.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. **Vendo o passado: representação e escrita da história**. In: Anais do Museu Paulista, v. 15, n.2, julho-dezembro, 2007.

LOBATO, Andrea Teresa Martins; PEREIRA, Eduardo Oliveira. **A seca e a narrativa do trágico em O Quinze de Rachel de Queiroz**. In: Revista Garrafa 24. Rio de Janeiro, v. 2, n. 24, maio-agosto, 2011.

MARANHÃO, T. P. A. **Produção interdisciplinar de conhecimento científico no Brasil: temas ambientais**. Soc. estado. v. 25, n. 3, Set./Dec. 2010.

MARLEVAL, Isabel Tavares. O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro como receptáculo do presente. *Topoi*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 42, p. 627-650, set/dez. 2019.

MATOS, Pedro Gomes de. Capistrano de Abreu, **Vida e Obra do Grande Historiador**. Edição do Centenário. Fortaleza: A. Batista Fontennele Editora, 1953.

MATTOS, Ilmar Rohloff de. **Capítulos de Capistrano**. Texto disponível em: <http://www.historiaecultura.pro.br/modernosdescobrimentos/desc/capistrano/frame.htm>. Acesso em setembro de 2020.

MICHAELIS. **Moderno Dicionário da Língua Portuguesa**. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php>>. 2020.

MELO NETO, João Cabral de. **Morte e vida severina e outros poemas**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2007.

OLIVEIRA, Maria da Glória de. **Do testemunho à prova documentária: o momento do arquivo em Capistrano de Abreu**. In GUIMARÃES, Manoel L. Salgado. Estudos sobre a escrita da história. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006, pp. 216-239.

\_\_\_\_\_. **Crítica, método e escrita da história em João Capistrano de Abreu**. Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em História/UFRGS, 2006. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/>

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. **A conquista do espaço: sertão e fronteira no pensamento brasileiro**. Hist. cienc. Saúde-Manguinhos [online]. 1998, vol 5. Disponível em: . Acesso em: 10 mar. de 2019.

\_\_\_\_\_. **Americanos. Representações da identidade nacional no Brasil e nos EUA**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000.

PEREIRA, Daniel Mesquita. **Descobrimientos de Capistrano**. A História do Brasil “a grandes traços e largas malhas” . Rio de Janeiro: PUC-RJ, 2002. Tese de doutorado. <http://www.historiaecultura.pro.br/modernosdescobrimientos/desc/capistrano/frame.htm>. Acesso em setembro de 2020.

PESSOA, Fernando. **Mensagem**. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

POMIAN, Krzysztof. **Sur l’histoire**. Paris: Gallimard, 1999.

PROST , Antoine. **Douze leçons sur l’histoire**. Paris: Éditions du Seuil, 1996.

QUEIROZ, Rachel de. **O Quinze**. 92ª Ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2001.

REÍIS, José Carlos. **As identidades do Brasil: de Varnhagen**, 2ª Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1990.

REIS, José Carlos. **As Identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC/ José Carlos Reis**. 8 ed. – Rio de Janeiro: editora FGV, 2006

RODRIGUES, José Honório (org.). **Correspondência de João Capistrano de Abreu**. Edição organizada e prefaciada por José Honório Rodrigues. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira; Brasília: INL, 1977a. Volume 1.

\_\_\_\_\_.(org.). **Correspondência de João Capistrano de Abreu**. Edição organizada e prefaciada por José Honório Rodrigues. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1977b. Volume 2.

\_\_\_\_\_. (org.). **Correspondência de João Capistrano de Abreu**. Edição organizada e prefaciada por José Honório Rodrigues. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1977c. Volume 3.

\_\_\_\_\_. Capistrano e a historiografia brasileira. **RIHGB**, vol. 221, 1953, pp.120-138.



\_\_\_\_\_. **Introdução.** In ABREU, João Capistrano de. Capítulos de História Colonial & Os caminhos antigos e o povoamento do Brasil. 5ª ed. Brasília: Editora UnB, 1963, pp. ix-xix.

\_\_\_\_\_. **Explicação.** In ABREU, João Capistrano de. Capítulos de História Colonial & Os caminhos antigos e o povoamento do Brasil. 5ª ed. Brasília: Editora UnB, 1963, pp. 3-28.

\_\_\_\_\_. **Teoria da história do Brasil.** Introdução metodológica. 5ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1978.

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: Veredas.** Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira – 36ª edição, 1986.

RÜSEN, Jörn. **Reconstrução do passado.** Teoria da História II: os princípios da pesquisa histórica. Brasília: Editora UnB, 2007.

SOUSA, Ricardo Alexandre Santos de. Capistrano de Abreu: **história pátria, cientificismo e cultura - a construção da história e do historiador.** Tese (Dissertação em História das Ciências e da Saúde) - Casa de Oswaldo Cruz / Fiocruz, Rio de Janeiro, 2012.

SOUSA, Ricardo Alexandre Santos Sousa, **Capistrano de Abreu: História Pátria, Cientificismo e Cultura – A Construção da História e do Historiador,** Tese de Doutorado de Ricardo Alexandre Santos Sousa. 2019. Disponível em: [https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8156/tde-26062019FernandaRodriguesMiranda\\_VCorr.pdf \(usp.br\)](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8156/tde-26062019FernandaRodriguesMiranda_VCorr.pdf (usp.br)) . Acesso em 20 de janeiro de 2021.

TEÓFILO, Rodolfo. A seca de 1915. Fortaleza: Edições UFC, 1980.

VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. **História Geral do Brasil.** 3ª /4ª ed. anotada por João Capistrano de Abreu e Rodolfo Garcia. São Paulo: Editora Melhoramentos, 1927-1928. 5 volumes.

VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. **Correspondência ativa.** Coligida e anotada por Clado Ribeiro de Lessa. Rio de Janeiro: INL/MEC, 1961.

\_\_\_\_\_. História da Independência do Brasil, até ao reconhecimento pela antiga metrópole, compreendendo, separadamente, a dos sucessos ocorridos em algumas províncias até essa data. *Revista do IHGB*, 1916/1917, 79, p. 5-598.

\_\_\_\_\_. D. Antonio Filippe Camarão. *Revista do IHGB*, 1867, Tomo XXX, p. 419-428; p. 501-508.

\_\_\_\_\_. **História geral do Brasil: antes de sua separação e independência de Portugal.** 3ª Ed. Integral. São Paulo: Melhoramentos, s/d.

\_\_\_\_\_. **História geral do Brasil, isto é, do descobrimento, colonização, legislação e desenvolvimento deste estado, hoje império independente, escrita em presença de muitos documentos autênticos recolhidos nos arquivos do Brasil, de Portugal, da Espanha e da Holanda. Por um sócio do Instituto Histórico do Brasil, natural de Sorocaba.** Tomo Primeiro. Rio de Janeiro: E. e H. Laemmert, 1854.

\_\_\_\_\_. História geral do Brasil. Isto é, do descobrimento, colonização, legislação, desenvolvimento, e do império, escrita em presença de muitos documentos inéditos recolhidos nos arquivos do Brasil, de Portugal, da Espanha e da Holanda, e dedicada a sua majestade imperial o senhor D. Pedro II. Tomo segundo. Rio de Janeiro: E. e H. Laemmert. Madrid: Imprensa de J. del Rio, 1857.

\_\_\_\_\_. Florilégio da poesia brasileira ou coleção das mais notáveis composições dos poetas brasileiros falecidos, contendo as biografias de muitos deles, tudo precedido de um ensaio histórico sobre as letras no Brasil. Tomos I, II e III. Rio de Janeiro: Publicações da Academia Brasileira, 1946.

\_\_\_\_\_. História das lutas com os holandeses no Brasil desde 1624 a 1654. Salvador: Livraria Progresso Editora, 1955.

\_\_\_\_\_. História Geral do Brasil: antes de sua separação e independência de Portugal. 10 ed. São Paulo: Ed. da universidade de São Paulo, 1981.

VIANNA, Hélio. **Ensaio biobibliográfico.** In ABREU, J. C. O descobrimento do Brasil. São Paulo: Martins Fontes, 1999, pp. vii-xxvii.

VICENTINI, Albertina. O sertão e a literatura. *Sociedade e cultura*. Goiás, vol. 1, n. 1, jun. 1998. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/fcs/article/view/1778/2139> Acesso em: 01-02-2021.

WHITE, H. Teoria Literária e escrita da história. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, Volume 07, n 13, 1994, p.28.